

A LEITURA E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES DA CRIANÇA ESCOLAR

ZILDA PEREIRA DOS SANTOS NETA VITAL

Mestranda em educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Endereço da instituição: Rua Universitária, 2069 Jardim Universitário 85814-110 – Cascavel, PR – Brasil.

MARIA LIDIA SICA SZYMANSKI

Doutora em Psicologia Escolar e do desenvolvimento humano. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Endereço da instituição: Rua Universitária, 2069 Jardim Universitário 85814-110 – Cascavel, PR – Brasil.

RESUMO

Entende-se que a leitura é um processo comunicativo e mediador que contribui para o desenvolvimento social e psicológico do ser humano, além de constituir-se em instrumento que possibilita à criança apropriar-se dos conceitos científicos, imprescindíveis aos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Neste percurso, as funções psicológicas superiores, apontadas como as complexas formas culturais psíquicas de comportamento, desempenham papel primordial, em um caminho de mão dupla, no qual se desenvolvem e promovem desenvolvimento. Assim, apresentam-se neste artigo, reflexões sobre esse processo, ressaltando sua relação com a constituição do psiquismo humano. De cunho qualitativo e bibliográfico, a pesquisa embasa-se na Psicologia Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica, entendendo que o desenvolvimento humano ocorre nas relações sociais, e quando se trata da *apropriação* do saber escolar é necessário um fazer pedagógico intencional e organizado.

Palavras-chave: Leitura; Funções psicológicas superiores; Educação escolar.

THE READING AND ITS RELATIONSHIP WITH THE DEVELOPMENT OF THE SUPERIOR PSYCHOLOGICAL FUNCTIONS OF THE SCHOOL

ABSTRACT

It is understood that reading is a communicative and mediating process that contributes to the social and psychological development of the human being, besides being an instrument that enables the child to appropriate scientific concepts, essential to the learning and development processes. In this way, higher mental functions, identified as the complex cultural forms of psychic behavior, play a primordial role in a two-way path in which they develop and they promote developing. Thus, this article presents reflections on this process, emphasizing its relation with the constitution of human psyche. From a qualitative and bibliographical perspective, the research is based on Historical-Cultural Psychology and on Historical-Critical Pedagogy, understanding that human development occurs in social relations, and when it comes to the appropriation of scholastic knowledge, it is necessary to make an intentional and organized pedagogy and when it comes to the appropriation of school knowledge is necessary an intentional and organized pedagogical doing.

Keywords: Reading; Higher mental functions; Educational process.

LA LECTURA Y SU RELACIÓN CON EL DESARROLLO DE LAS FUNCIONES PSICOLÓGICAS SUPERIORES DEL NIÑO ESCOLAR

RESUMEN

Se entiende que la lectura es un proceso comunicativo y mediador que contribuye al desarrollo social y psicológico del ser humano, además de constituirse en instrumento que posibilita al niño apropiarse de los conceptos científicos, imprescindibles a los procesos de aprendizaje y desarrollo. En este recorrido, las funciones psicológicas superiores, apuntadas como las complejas formas culturales psíquicas de comportamiento, desempeñan un papel primordial, en un camino de doble mano, en el que se desarrollan y promueven el desarrollo. Así, se presentan en este artículo, reflexiones sobre ese proceso, resaltando su relación con la constitución del psiquismo humano. La investigación se basa en la Psicología Histórico-Cultural y en la Pedagogía Histórico-Crítica, entendiendo que el desarrollo humano ocurre en las relaciones sociales, y cuando se trata de la apropiación del saber escolar es necesario un hacer pedagógico intencional y organizado.

Palabras clave: Lectura; Funciones psicológicas superiores; Educación escolar.

Introdução

Para que se humanize, o homem necessita fundamentalmente agir adequadamente sobre o mundo que o rodeia e nessa atividade apropriar-se do conjunto de processos, signos e instrumentos materiais, historicamente elaborados, bem como precisa apropriar-se dos signos envolvidos nessas atividades como a língua, os conceitos, as diversas formas de arte que lhe permitirão a construção do seu ser social e histórico. A relação do indivíduo com o meio cultural onde está inserido possibilita-lhe apropriar-se de conhecimentos que promoverão seu desenvolvimento. Assim, “o indivíduo, a criança não é apenas ‘colocada’ diante do mundo dos objetos humanos. Para viver deve agir (ativamente e) adequadamente neste mundo” (LEONTIEV, 1978, p. 254).

Dessa forma, podemos considerar que o desenvolvimento humano envolve um percurso psicológico que depende necessariamente das relações sociais entre o homem e a realidade em que se insere, a qual é mediada por signos e símbolos, possibilitando-lhe, a partir do momento em que nasce, deixar de ser somente biológico e passar a ser sujeito social e histórico.

No entendimento de que a leitura é um processo mediador que contribui para esse desenvolvimento social e psicológico, o presente artigo, tendo como suporte teórico os pressupostos da Psicologia histórico-cultural, objetiva apresentar a leitura como instrumento importante para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, buscando sua relação com o processo educativo e o psiquismo humano.

A primeira seção propõe-se a apresentar as funções psicológicas superiores tomando como base os estudos de Lev Semenovitch Vygotski (1896-1934), Alexei

Leontiev (1906-1979) e Alexander Luria (1902-1977), buscando compreender como ocorre o desenvolvimento destas complexas formas culturais do comportamento humano.

A segunda seção trata do processo educativo e sua relação com o desenvolvimento do psiquismo, sob o prisma de que este é o responsável por captar e dominar a realidade circundante, sendo a educação escolar uma forma de intervenção essencial, capaz de promover a aquisição do conhecimento científico, cultural e técnico pela criança, possibilitando que se a reconheça não só como um ser biológico, mas como um ser histórico e social.

Este texto aborda, ainda, na seção três, a leitura como processo dinâmico que contribui com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança em fase escolar. Trata-se da leitura, como instrumento da linguagem, compreendida aqui, mais do que como a decodificação de um código escrito e sim, como um produto cultural e instrumento de transformação que possibilita ao indivíduo saber posicionar-se sobre o que acontece no meio em que vive, além de possibilitar e promover o acesso ao conhecimento.

Vigotski e o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores

Nem sempre as questões sobre o desenvolvimento do psiquismo humano estiveram presentes no cenário da psicologia. Entender como acontece esse processo é perceber o complexo curso evolutivo das funções psíquicas elementares às funções psíquicas superiores, possibilitando ao homem humanizar-se.

Nesta seção trataremos de apresentar de forma sucinta as ideias de Vigotski que, no início do século XX, buscou refletir sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, articulando os processos psicológicos elementares (base biológica) aos superiores (base social e cultural) enfatizando que, “se na filogênese [...] [esses dois conjuntos] se mostram independentes, na ontogênese aparecem unidos, formando um processo único e complexo” (MARTINS, 2015, p. 78).

Desse ponto de vista, podemos considerar que existe um entrelaçamento entre esses dois processos, no qual o desenvolvimento biológico é base para o desenvolvimento psicológico, em uma relação lógica e de complexificação que só ocorrerá na interação com o outro ou na interação com o mundo mediada pelo outro, promovendo saltos qualitativos em um processo de apropriação da cultura acumulada historicamente.

Enquanto a atividade animal radica nos programas hereditários de comportamento e no produto da experiência individual passada, as ações e habilidades humanas resultam das apropriações do legado construído histórico-

socialmente. Por essa via, a existência individual condensa habilidades que foram criadas ao longo de milênios. Destarte, pode-se afirmar que as propriedades, as possibilidades e os limites de que dispõe cada indivíduo não resultam de sua experiência individual, mas sim das assimilações da experiência das gerações passadas que se realizam, ou não, em sua experiência (MARTINS, 2015, p. 40).

Portanto, a espécie humana é essencialmente social, pois é apenas por meio das interações com os outros que se apropria do legado cultural construído no decorrer de milênios, desenvolve as habilidades envolvidas em suas atividades e se humaniza. No esteio da teoria de Vigotski, entendemos que, “o humano se humaniza na relação com o outro e nessa relação conhece e aprende a dominar os instrumentos culturais criados historicamente pela sociedade humana” (PRESTES; ESTEVAM, 2017, p. 208).

Os instrumentos culturais, criados pela humanidade em seu processo evolutivo, podem ser materiais, como o martelo ou a caneta, ou psíquicos, ou seja, as palavras e os demais signos, que permitem ao homem pensar e funcionar como humano, transformando a realidade.

Para que homem evolua e supere sua condição biológica inicial, ele deve manter uma relação com o mundo cada vez mais abrangente e intensiva. Isso ocorre, através da apropriação dos instrumentos culturais e dos signos envolvidos em suas atividades, permitindo-lhe regular seu comportamento. Assim, suas funções

[...] devem deixar as marcações do instinto e serem orientadas, cada vez mais pelo ato voluntário. Devem ser transversalizadas pela linguagem, pelo pensamento e pela abstração que caracterizam o homem cultural (BARROCO, 2012, p.45).

Em todos os estudos que realizou sobre as funções psíquicas, Vigotski (1995) reconhece que a evolução puramente biológica (filogênese) desempenha importante papel no percurso do desenvolvimento humano, no entanto, a partir do desenvolvimento histórico e cultural da conduta (ontogênese), é que o homem, passa da condição de espécie – cujas características já lhes são dadas no nascimento – para gênero humano. Este longo processo de apropriação cultural envolve o homem e a história, e possibilita ao indivíduo internalizar as características que constituirão a sua subjetividade.

À medida que o homem precisou transformar a natureza para sobreviver, premido pelas necessidades e desafios que lhe foram surgindo no decorrer desse trabalho, criou instrumentos materiais e psíquicos. Desse modo, o desenvolvimento histórico das funções psíquicas se traduz como “processo de apropriação das formas historicamente constituídas”

que o gênero humano utiliza para relacionar-se com o mundo (LEONTIEV, 1978, p. 200) no decurso da vida.

Apesar do entendimento de que as funções psíquicas superiores ocorrem de maneira integrada, e que separá-las seria um exercício meramente pedagógico, Vigotski estabelece uma distinção entre as funções que decorrem da apropriação cultural de “meios externos” organizados em sistemas produzidos pelos homens no decorrer da história, como a linguagem, o cálculo ou a escrita, e o grupo dos processos psíquicos de funcionamento específico do ser humano, como a atenção, a memória, ou a percepção.

O conceito de “desenvolvimento das funções psíquicas superiores” e o objeto de nosso estudo abarcam dois grupos de fenômenos que à primeira vista parecem completamente heterogêneos, mas de fato são dois ramos fundamentais, duas causas de desenvolvimento das formas superiores de conduta, que jamais se fundem entre si ainda que estejam indissoluvelmente unidas. Trata-se em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos de desenvolvimento cultural e do pensamento; a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho; em segundo lugar, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas com exatidão, que na psicologia tradicional se denominam atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc. Tanto uns como outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processos de desenvolvimento das formas superiores de conduta da criança. (VYGOTSKY, 1995, p.29).

Dessa forma, a linguagem, o desenho, a música, a leitura e a escrita são sistemas externos construídos coletivamente pelas objetivações humanas, enquanto que a atenção, a percepção ou a memória, por exemplo, ainda que construídos na relação entre os homens, são processos psíquicos internos, subjetivados por meio das relações sociais. Esses dois processos diferenciam-se entre si, mas ao mesmo tempo mantêm uma íntima relação, formando um amálgama único e complexo, o qual constitui o psiquismo. Dessa relação, provém uma nova forma de regulação da conduta superior. Essa regulação desenvolve-se na vida social por meio da interação existente entre os seres humanos, vinculada ao processo de produção que exige do homem o domínio da natureza e de si mesmo (VYGOTSKI, 2000c).

Vigotski (1995) explica que existem duas linhas de desenvolvimento: a biológica e a cultural. Por um lado, “O processo biológico de evolução das espécies animais que conduziu à aparição da espécie *Homo Sapiens*; e por outro, um processo de desenvolvimento histórico graças ao qual o homem primitivo se converte em um ser cultural” (VYGOTSKY, 1995, p. 29-30). Entretanto, pode-se considerar que à medida que

o ser humano se converte em um ser cultural, o desenvolvimento do psiquismo, sobre uma base biológica, vai se concretizando, formando um amálgama neuronal psíquico, resultado da unidade dialética entre o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento histórico e cultural da conduta do homem.

Ponderando sobre esse complexo processo, podemos dizer que o homem para efetivar seu domínio sobre a natureza, criou instrumentos materiais: suas ferramentas com as quais transforma a natureza, e criou instrumentos simbólicos: os signos. Estes instrumentos, tanto materiais quanto simbólicos, em um primeiro momento, atuam externamente, estão em seu contexto social e quando internalizados produzem conexões entre o homem e o seu psiquismo. Essas conexões resultam de mediações, que possibilitam a internalização dessas informações. Portanto, a linguagem, de acordo com Vigotski, é um desses signos mediadores, o signo dos signos, o mais importante, que possibilitou ao homem, desenvolver-se representando o mundo no pensamento.

Dessa forma, no processo de desenvolvimento do homem, a partir de sua relação com o mundo – mediada pela linguagem, que abarca os signos mediadores por excelência – na medida em que lhe é imprescindível trabalhar para sobreviver, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, sendo reciprocamente modificado por esses procedimentos, criando formas de comportamento especificamente culturais.

Nesse sentido, a natureza histórica do psiquismo, confere novos rumos em seu processo de desenvolvimento, decorrentes da apropriação da cultura. E “às características biológicas asseguradas pela evolução da espécie são acrescidas funções produzidas na história de cada indivíduo singular por decorrência da interiorização dos signos, às quais [Vigotski] chamou de funções psíquicas superiores” (MARTINS, 2015, p. 43).

Todas as funções psíquicas superiores têm como traço comum o fato de serem processos mediatos, melhor dizendo, de incorporarem à sua estrutura, como parte central de todo o processo, o emprego de signos como meio de orientação e domínio nos processos psíquicos (VIGOTSKI, 2001, p. 161).

Destaca-se dessa forma que o emprego de signos se apresenta como meio de produzir transformações psíquicas necessárias para controle da conduta, transformando o próprio homem, por meio das possibilidades sociais que se abrem conforme ele interfere no mundo, e reciprocamente recebe influência deste, em seu desenvolvimento. A possibilidade que o sujeito tem de “autorregulação do comportamento ou a capacidade de dirigir voluntariamente e colocar a seu serviço suas funções psíquicas decorre de um

processo de internalização das relações exteriores, sociais” (TULESKI; EIDT, 2016, p. 43). E, a condição de internalizar tais dispositivos externos, só pode ocorrer por meio do uso dos signos.

Diante de tais fatos, pode-se afirmar o papel decisivo que o signo – instrumento cultural de reorganização das formas superiores de comportamento humano – exerce sobre as funções psíquicas, pois é pelo seu emprego que estas se colocam em movimento e mantêm uma comunicação direta e indireta com o mundo exterior.

Sobre a proposição dialética das funções psicológicas superiores, pode-se afirmar que são funções que atendem a uma dinâmica por um lado interpessoal que não depende do sujeito isoladamente, ou seja “[...] funções da vida social, da atividade que vincula o indivíduo às suas condições objetivas de existência assegurando-lhe a internalização dos signos culturais”. E por outro, intrapessoal “[...] funções de bases materiais e ideais do psiquismo, da atividade intrapessoal graças à qual o reflexo psíquico da realidade se constrói”. (MARTINS, 2015, p. 113-114).

Dessa maneira, ressalta-se o papel social e individual das funções psicológicas superiores no percurso do desenvolvimento histórico e cultural da espécie humana, levando em conta que são determinantes na relação entre o ser e estar do homem com o mundo que o cerca.

Destacamos, ainda, que essa constituição dialética é potencializada pela ação do processo educativo. Por meio do ensino escolar, o homem passa a regular e controlar seu próprio comportamento, modificando a natureza externa e a sua própria natureza. A apropriação dos conhecimentos já elaborados, permite que cada sujeito alcance um nível de desenvolvimento, levando-o a estabelecer relações que atendam os objetivos coletivos e individuais, tornando-se assim, humanizados.

O processo educativo e sua relação com o desenvolvimento do psiquismo humano

Nesta seção, busca-se contemplar a relação entre o processo educativo e o desenvolvimento psíquico da criança, num entendimento de que esta relação contribui “com a formação dos comportamentos complexos culturalmente instituídos, isto é, com a formação das funções psíquicas superiores” (MARTINS, 2015, p. 269). Nesse processo, a educação se coloca como um fenômeno efetivamente a serviço do desenvolvimento

psíquico à medida que se constitui num espaço privilegiado de relações sociais e de apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos.

Com efeito, se cada indivíduo humano sintetiza relações sociais, isto significa que ele só se constitui como homem por meio das relações que estabelece com os outros homens, isto é, só pode tornar-se homem se incorporar em sua própria subjetividade formas de comportamentos e idéias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convivem. Isto significa que o indivíduo da espécie humana não nasce homem; ele se torna homem. Assim para integrar o gênero humano ele precisa ser formado, precisa ser educado. (SAVIANI, 2004, p. 46)

Assim, para que a criança se humanize e alcance um nível complexo de desenvolvimento, é fundamental sua relação com a realidade social e com os adultos e crianças mais velhas que dela fazem parte, portadores das mensagens da cultura do grupo social em que se inserem. Esta interação social desempenha um papel imprescindível para o desenvolvimento do sujeito. Na medida em que o ser humano se apropria do seu contexto histórico e cultural, passa a compreender a si e ao mundo onde está inserido, em uma relação mediada por signos e instrumentos materiais.

Os signos são meios auxiliares para a solução de tarefas psicológicas que, aliados aos instrumentos materiais, exigem do indivíduo a adaptação do comportamento a eles, resultando na transformação da estrutura psíquica. Esta relação dá condições objetivas de autocontrole da conduta, requalificando o sistema psíquico humano.

Cabe aqui considerar que, além da mediação por meio de signos e instrumentos materiais, o

[...] que determina diretamente o desenvolvimento do psiquismo da criança é a sua própria vida, o desenvolvimento dos processos reais desta vida, por outras palavras, o desenvolvimento desta atividade depende por sua vez das condições em que ela vive. (LEONTIEV, 1978, p. 291).

Luria, ao longo de sua obra, destaca que nossa organização cerebral está intrinsecamente relacionada às apropriações culturais possibilitadas ao indivíduo. O comportamento humano tem um substrato orgânico expresso pelo cérebro e seu funcionamento ocorre de forma mais ou menos organizada em decorrência das apropriações culturais que são possibilitadas à criança por meio da educação tanto informal quanto formal.

No entanto, a experiência individual da criança antes da sua entrada na escola, não lhe garante condições de apropriação e compreensão dos conceitos mais elaborados e

historicamente construídos, os quais resultam na produção de conhecimento, necessitando assim, de educação formal.

Acompanhando esse raciocínio, entende-se que as condições sócio-históricas concretas da criança, são fatores norteadores do trabalho educativo, uma vez que a educação escolar age sobre a criança, sobre suas relações com a realidade e sobre sua consciência. Esse entendimento torna possível reconhecer diferenças de desenvolvimento entre as crianças de uma mesma idade escolar, uma vez que não podemos deixar de conceber o contexto social para a compreensão dos sujeitos.

[...] o real significado do papel do signo na conduta humana só pode ser encontrado na função instrumental que assume. Por conseguinte, a proposição do ato instrumental como lastro do desenvolvimento do psiquismo desdobrou-se na concepção histórico-cultural de desenvolvimento como processo mediado e subjugado ao ensino. (MARTINS, 2016, p. 16).

Com isso, Martins reafirma as ideias de Vigotski sobre o papel da mediação no processo de transformação e potencialização da estrutura psíquica, na qual os signos e os instrumentos materiais exercem entre si uma influência recíproca que não depende da simples relação sujeito-objeto, e sim da apropriação dos fenômenos da realidade que o outro ser social já domina. Apropriação que ao se tratar da apropriação dos conceitos científicos, subordina-se ao processo de ensino escolar.

Assim, quando nos referimos à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança devemos levar em conta as relações que ela estabelece com a família, a escola e a sala de aula, espaços privilegiados de socialização em que a criança está inserida. Da mesma maneira, o professor deve reconhecer que, “[...] defronta-se com um educando, com um aluno concreto, e não apenas com um aluno empírico.” (SAVIANI, 2004, p. 46), Este indivíduo que lhe cabe educar, “[...] sintetiza em si as relações sociais próprias da sociedade em que vive e em que se dá o processo de sua educação”. (Idem, p. 46). Em razão disso, deve-se considerar que a criança antes de entrar para a escola, já possui conhecimentos que irão se incorporar ao saber sistematizado.

De fato, toda criança tem uma pré-história, “a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar” (VIGOTSKII, 2001, p.109) e esta aprendizagem anterior, decorrente de processos não sistematizados, é importante no percurso do desenvolvimento infantil. Todavia, nem sempre a escola considera o conhecimento anterior que o aluno carrega, e essa desconsideração pode trazer obstáculos ao seu

desenvolvimento, pois esses conceitos espontâneos podem entrar em conflito com os conceitos científicos que a escola se propõe a trabalhar. Portanto, ainda que a aprendizagem escolar dê “algo de completamente novo ao curso do desenvolvimento da criança” (VIGOTSKII, 2001, p. 110), esse novo deve ser apresentado a partir do “anterior” que a criança já traz.

A educação escolar caracteriza-se como um processo de apropriação e sistematização dos conhecimentos produzidos no percurso da história da humanidade. Envolve conceitos espontâneos referentes ao “processo de educação nas crianças pequenas [que] se inicia das formas mais simples, pela ‘imitação dos atos do meio’ até as mais complexas por meio da educação escolar, que se constitui em uma educação formal, sistematizada” (LEONTIEV, 1978, p. 291). Os conceitos científicos desenvolvem-se, principalmente, no processo do ensino e da aprendizagem e diferenciam-se dos conceitos cotidianos, pois não ocorrem de forma espontânea, mas mediante um processo de ensino sistematizado e intencional.

Destarte, ainda que no processo de educação da criança, que se inicia desde o seu nascimento, os aspectos informais devam ser considerados, as ações educativas intencionais escolares é que possibilitarão a apropriação do conhecimento científico que promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e contribui para a construção mais ampla do ser social e histórico.

Embora haja um processo biológico, é o “aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam” (OLIVEIRA, 1997, p. 56). Esses processos internos de desenvolvimento são as funções psicológicas superiores, imprescindíveis ao aprendizado, o qual deve acontecer por meio de um trabalho pedagógico permeado por sentidos, processo em que o professor tem um papel essencial.

À luz desses dados, procuramos estabelecer uma relação entre o trabalho educativo e o desenvolvimento do psiquismo humano – imagem subjetiva da realidade. Consideramos importante destacar que, esta relação é marcada em definitivo pela mediação da consciência – expressão ideal das relações do homem com o mundo – ou seja, “com o advento da consciência, a realidade – e tudo o que a constitui – adquire outra forma de existência representada pela imagem psíquica, pela ideia que dela se constrói” (MARTINS, 2015, p. 28).

Em suma, segundo Leontiev (1978), o psiquismo se manifesta em duas instâncias: na atividade e na consciência. Enquanto atividade “é uma manifestação em atos pela qual o homem se firma na realidade objetiva ao mesmo tempo em que a transforma em realidade subjetiva” (MARTINS, 2015, p. 29), e enquanto consciência manifesta-se na construção da ideia ou da imagem psíquica.

Com base nestas proposições, acrescenta-se um terceiro elemento à estreita relação entre o processo educativo e o desenvolvimento do psiquismo constituído pela atividade discente. Trata-se, portanto, de um trabalho docente de planejamento das atividades discentes que viabilize a formação da consciência da criança, possibilitando-lhe apropriar-se da sua história e da sua cultura, portanto, humanizando-se, como preconizam a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, por meio de um ensino intencional sistematicamente orientado.

Reafirma-se, assim, o papel da educação como condição de formação e transformação, considerando que “[...] se, por um lado, o patrimônio material e ideal se coloca como dado para apropriação, por outro ao mesmo tempo, é tido como condição imprescindível do processo de transformação de um ser hominizado” [em um] [...] ser humanizado, isto é que se (trans)forma por apropriação da cultura” (MARTINS, 2015, p.271). Enfim, é a educação escolar que oportunizará o acesso ao conhecimento historicamente sistematizado.

As investigações de Vigotski (2001) em torno da complexa relação entre aprendizagem e desenvolvimento da criança em idade escolar, revelaram dentre outras questões que a assimilação dos conceitos científicos exerce grande influência sobre o curso do seu desenvolvimento. Porém, essa apropriação é um processo complexo e gradativo que necessita da mediação docente para ocorrer, daí a importância do trabalho do professor em sala de aula, possibilitando a internalização do conhecimento e, com ele, o desenvolvimento intelectual. O ensino consciente de novos conceitos ao aluno é um complexo, e muitas vezes longo processo psicológico:

O caminho entre o primeiro momento em que a criança trava conhecimento com o novo conceito e o momento em que a palavra e o conceito se tornam propriedade da criança é um complexo processo psicológico interior, que envolve a compreensão da nova palavra que se desenvolve **gradualmente** a partir de uma noção vaga, a sua aplicação propriamente dita pela criança e sua efetiva assimilação apenas como elo conclusivo. Em essência, procuramos exprimir anteriormente a mesma ideia quando dissemos que, no momento em que a criança toma conhecimento pela primeira vez do significado de uma nova

palavra, o processo de desenvolvimento dos conceitos não termina, mas está apenas começando. (VIGOTSKI, 2001, p.250, grifo nosso).

Isto significa que um conceito não é assimilado pela criança de forma acabada, mas “exige e se articula a uma série de funções, a exemplo da atenção voluntária, da memória lógica, da comparação, generalização, abstração, etc.” (MARTINS 2015, p. 280). Assim, a aprendizagem, não ocorre em um processo de absorção passiva do conhecimento, mas envolve um longo processo de apropriação, superação e transformação.

A apropriação dos conceitos científicos requer uma ação intencional e consciente, processo que se realiza no ensino escolar. Do ponto de vista de Vigotski,

O ensino escolar opera com funções psíquicas superiores que não só se distinguem por uma estrutura mais complexa como ainda constituem formações absolutamente novas, sistemas funcionais complexos. [...] todas as funções superiores têm uma base similar e se tornam superiores em função de sua tomada de consciência e da sua apreensão (VIGOTSKI, 2001, p. 309).

Vigotski reconhece que, a aprendizagem infantil abrange complexos conjuntos de funções psíquicas e, estas mobilizam grandes áreas do seu pensamento. Ele postula que é no ensino escolar que se encontra “matérias complexas que abrangem conjuntos imersos e integrais de funções psíquicas” (VIGOTSKI, 2001, p. 308).

Diante desta premissa, é legítimo afirmar que o ensino escolar atua essencialmente possibilitando a sistematização dos conceitos científicos, sendo que o uso consciente destes conceitos proporciona o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, pois envolve a percepção, a atenção, a memória, o pensamento, a linguagem, necessárias à abstração, isto é, à sua representação mental, sistematizando e ampliando o grau de generalização dos conceitos.

Segundo Leontiev (1978), a aquisição dos conceitos, provoca a formação na criança de ações e operações intelectuais que servem de ponto de partida para a aquisição de conhecimentos sistematizados. Este processo é considerado de extrema complexidade pelo autor, e uma vez interiorizado pela criança, provoca o seu desenvolvimento.

A educação escolar tem como papel primordial conduzir, sistematicamente, o curso de desenvolvimento da criança, agindo sobre a sua realidade concreta. Essas vivências é que vão determinar a sua consciência e, se manifestam na relação ativa entre sujeito e objeto:

Por isso a consciência não pode ser identificada exclusivamente com o mundo das vivências internas, mas apreendida como ato psíquico experienciado pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo. (MARTINS, 2015, p. 29).

Dessa feita, pode-se entender que “cada estágio do desenvolvimento psíquico é caracterizado por um certo tipo de relações da criança com a realidade” (LEONTIEV, 1978, p. 310). Nesta perspectiva, o psiquismo é o responsável por captar e dominar a realidade circundante por meio da atividade, isto é, da ação do homem sobre o mundo, mediada por outros homens. Haja vista que, “o tornar-se consciente da realidade envolve uma capacidade cognitiva que é desenvolvida por meio da apropriação do conhecimento” (FACCI; LIMA, 2012, p. 72). Portanto, a educação escolar tem a complexa tarefa de intervir, buscando promover a capacidade cognitiva, condição determinante para o desenvolvimento psíquico do aluno.

A leitura como processo dinâmico que contribui com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança escolar.

Parte-se do pressuposto de que a leitura é uma prática social que se apresenta como essencial para que o indivíduo participe de forma efetiva no contexto social, que é letrado. Tomando como parâmetro tal reflexão, a leitura é mais do que dominar o código escrito, é um processo dinâmico que possibilita ao indivíduo saber posicionar-se sobre o que acontece no meio em que vive, além do acesso ao conhecimento.

A apropriação da leitura e da escrita aumenta a capacidade do pensamento humano, permitindo que a criança entenda os conceitos e os relacione com as coisas do mundo que a cerca. Este processo ocorre:

Quando as relações da criança com o mundo que a cerca se tornaram diferenciadas dessa maneira, quando ela desenvolve sua relação funcional com as coisas, é que podemos dizer que as complexas formas intelectuais do comportamento humano começaram a se desenvolver. (LURIA, 2001, p.145).

Quando a criança domina a ação de ler e escrever e estes processos fazem parte do seu plano intersíquico, significa que ela detém um tipo mais elevado de atividade interior que lhe possibilita uma nova forma de ver as coisas. Para que isso aconteça, a criança

precisa da atividade mediadora, do auxílio de outra pessoa que promova situações adequadas:

[...] A criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens. [...] assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela função este processo é, portanto, um processo de educação. (LEONTIEV, 1978, p.290).

A aquisição de conhecimentos provoca na criança um desenvolvimento cognitivo e intelectual, servindo de ponto de partida para seu desenvolvimento em sua totalidade, permitindo que ocorra a apropriação do sentido e do significado da sua prática social. Dessa forma, considera-se que os seres humanos se relacionam com a realidade objetiva por meio da atividade social consciente, orientando-se pelas condições dadas pelo meio. Neste sentido:

Do ponto de vista do organismo animal, cada ser particular reproduz naturalmente as propriedades da espécie a que pertence e, à sua base, enfrenta as vicissitudes do meio. Diferentemente, do ponto de vista do homem, ainda que ele conte com todas as propriedades morfofisiológicas requeridas ao seu desenvolvimento, ele sucumbirá no pleno gozo de suas propriedades naturais, caso esteja desprovido de condições sociais de vida e de educação. (MARTINS, 2015, p. 40).

Vigotski (2001) em seus estudos sobre o desenvolvimento intelectual da criança em idade escolar, explica que é principalmente nesta fase que ocorre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, cujos traços fundamentais e distintivos são a “intelectualização e a assimilação, ou melhor, a tomada de consciência e a arbitrariedade” (VIGOTSKI, 2001, p. 282). Segundo o autor, a criança desenvolve as funções psíquicas superiores na medida em que se intelectualiza, sendo assim, a educação escolar pode ser considerada a ação norteadora de todo processo.

É sabido que o desenvolvimento da criança se realiza numa interação com o meio natural e social, sendo a educação escolar o processo capaz de conduzir e organizar esta interação. Isto é possível, por meio de ações educativas que favoreçam à criança apropriar-se do saber sistematizado e da cultura humana. Do ponto de vista de Kostiuk, a ação educativa tem influência decisiva sobre o desenvolvimento psicointelectual da criança.

Enquanto na idade pré-escolar há uma assimilação espontânea, não voluntária, de conhecimentos, as crianças em idade escolar estão incluídas em várias formas de atividade educativa intencional. [...] a aquisição da leitura, da escrita, do léxico da língua nativa, da gramática, da aritmética, da física, da geometria,

não deve considerar-se como uma simples aquisição, mas sim como um aperfeiçoamento da atividade cognoscitiva dos discípulos e da sua capacidade para assimilar conhecimentos. (KOSTIUK, 2005, p. 46).

Assim, a educação escolar constitui-se em um processo que conduz a criança a elaborar e desempenhar novas ações, permitindo uma maior compreensão e organização das suas atividades psíquicas e sociais, ou seja, novas formas de comportamento.

A educação escolar, quando intencionalmente dirigida promove qualitativamente o desenvolvimento psicológico, intelectual e cognitivo da criança. Todo esse processo, acontece pelo trabalho de mediação do professor. Trabalhar a formação da consciência da criança, favorecendo suas apropriações do meio cultural e social em que transita, constitui-se em um processo dialético, não linear, cujas ações intencionais, provocam mudanças, saltos qualitativos em seu desenvolvimento.

Estes saltos qualitativos podem ser observados, quando da apropriação pela criança da escrita e da leitura. E quando essa apropriação ocorre todo o sistema de relações do leitor/escritor é reorganizado.

Antes dessa apropriação, a criança apenas acredita que é capaz de realizar esses processos, todavia, trata-se de pura imitação. A partir do momento em que um signo adquire significado, todo o seu comportamento modifica-se: “A mesma criança até então incapaz de recordar duas ou três sentenças torna-se apta a lembrar de todas elas com confiança, e o que é mais importante, pela primeira vez é capaz de ler sua própria escrita” (LURIA, 2001, p. 165). A partir, deste estágio do desenvolvimento, a criança já começa a entender o papel funcional da escrita, e, assim, a leitura, instrumento de compreensão do que está sendo escrito, se materializa em forma de significado.

A aprendizagem da leitura e da escrita consiste em compreender a função simbólica dos signos escritos. É ao mesmo tempo um processo de transformação qualitativa que ocorre no decurso do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (atenção, memória, formação de conceitos, etc.) e todo esse aporte é construído nas interações sociais. Esse desenvolvimento psíquico é um processo específico de apropriação pelo indivíduo da sua história e experiência humana.

Assim, as funções psíquicas desenvolvem-se no decurso da vida, pelo processo de aprendizagem (LEONTIEV, 1978). Há uma unidade e ao mesmo tempo uma diversidade entre aprendizagem e desenvolvimento, processo no qual a escola desempenha papel fundamental. Consequentemente, a aprendizagem não deve ser considerada como um

simples processo de aquisição de capacidades e hábitos; tampouco o desenvolvimento deve ser visto como um processo que simplesmente se sobrepõe à aprendizagem. São processos que se relacionam, mas não são coincidentes (VIGOTSKI, 2001).

Conforme Kostiuk (2005), o ensino depende do desenvolvimento psicointelectual da criança, e ao mesmo tempo, exerce um papel ativo neste desenvolvimento. O autor salienta que,

Ao colocar os alunos perante tarefas de caráter cognoscitivo, o professor não se limita a organizar as ações encaminhadas para a execução destas tarefas, mas proporciona aos alunos os métodos necessários, cujo domínio leva ao aparecimento de novas atividades e ao desenvolvimento das potencialidades mentais. (KOSTIUK, 2005, p. 47).

Esta premissa nos mostra que o trabalho pedagógico em sala de aula não deve orientar-se apenas pelo que a criança já aprendeu e produziu, mas considerar as potencialidades mentais da criança, o que ela é capaz de realizar além do que já aprendeu. Esta concepção é corroborada por Vigotski (2001) quando afirma que, o bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento, em outras palavras, o professor no processo de ensino e aprendizagem deve priorizar o que o aluno pode aprender a fazer sozinho no futuro, com base no que já consegue fazer com a ajuda do outro.

Portanto,

O ensino nas nossas escolas não pode limitar-se apenas a transmitir ao discípulo determinados conhecimentos, a formar um mínimo de aptidões e de hábitos. A sua tarefa é desenvolver o pensamento dos alunos, a sua capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade, de raciocinar corretamente; resumindo, desenvolver “no todo” as suas faculdades mentais””. (KOSTIUK, 2005, P.49-50).

As capacidades produzidas durante a aprendizagem não são desenvolvidas por um processo simples, pelo contrário, o desenvolvimento das formas complexas das atividades psíquicas, ou seja, das funções psicointelectuais, ocorre no decurso de um processo longo e complexo e segundo Vigotski (2001), essas funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes neste decurso “[...] a primeira vez, nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas: a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas” (VIGOTSKI, 2001, p. 114).

Reconhecer esta lei fundamental do desenvolvimento da criança é de enorme importância para o entendimento do papel das inter-relações, uma vez que a “criança não

está de modo algum sozinha em face ao mundo que a rodeia. As suas relações com o mundo têm sempre por intermediário a relação do homem aos outros seres humanos” (LEONTIEV, 1978, p. 290).

A aquisição de conhecimentos provoca na criança um desenvolvimento cognitivo e intelectual, permitindo que ocorra a apropriação do sentido e do significado da sua prática social. Dessa forma, podemos considerar que os seres humanos se relacionam com a realidade objetiva por meio da atividade social consciente, orientando-se pelas condições dadas pelo meio.

A educação, quando intencionalmente dirigida, promove qualitativamente o desenvolvimento das funções psicológicas. Isto porque ao apropriar-se do conhecimento científico, a criança pode ampliar sua leitura de mundo, portanto amplia-se a formação da sua consciência, favorecendo as apropriações que ela faz em relação ao seu meio cultural e social. Este processo dialético provoca mudanças na criança, saltos qualitativos no seu desenvolvimento.

Estes saltos qualitativos podem ser observados, quando da apropriação da escrita e da leitura pela criança. Quando isso acontece, todo o seu sistema de relações é reorganizado. Aprender a ler e a escrever possibilitará à criança ampliar suas possibilidades de se apropriar de toda a gama de conhecimentos. Um aspecto essencial neste processo é pensar que para sua efetivação, a condição necessária está centrada na intervenção do professor em sala de aula. O acesso e domínio da leitura e da escrita baseiam-se no trabalho pedagógico que será realizado para o alcance dos objetivos pretendidos.

Portanto, podemos afirmar que o ensino estruturado e organizado em conteúdos voltados à transmissão do conhecimento, sendo mediado pela linguagem escrita, aqui nos referindo ao processo da leitura e da escrita, constituem as características essenciais em todas as situações de aprendizagem para o desenvolvimento da consciência, e de maneira geral, do psiquismo humano.

Considerações finais

Este estudo apresenta a leitura como um processo que envolve um sistema simbólico que necessariamente abarca e promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. E, a concebe como uma aquisição importante para a formação

intelectual e cultural do ser humano, pois para que o homem possa ser capaz de dar sentido e significado para o que está escrito, o que lhe possibilitará uma melhor compreensão do mundo que o cerca, torna-se necessário que ele domine a leitura.

Ou seja, pela apropriação da linguagem escrita (leitura e escrita), o sujeito torna-se capaz de perceber e prestar atenção em determinados elementos de sua realidade, enfim fazer uma leitura de mundo e registrar essas informações por meio da escrita. Todas essas características é que tornam o homem realmente humano, e só se desenvolverão na relação com os outros homens.

Esse processo de transformação qualitativa da consciência do homem ocorre por meio da relação com os outros e com o mundo mediada pelo uso de signos culturais e instrumentos materiais, cuja função principal é a de mediação. Trata-se de um universo simbólico pelo qual os objetos e fenômenos da realidade concreta conquistam “a forma de existência abstrata consubstanciada na imagem subjetiva da realidade objetiva” (MARTINS, 2016, p. 16). A passagem à consciência humana é fundamental no desenvolvimento psíquico, acarretando saltos qualitativos, nos quais o sujeito se reconhece não só como um ser biológico, mas como um ser histórico e social.

O desenvolvimento das capacidades complexas do pensamento, em cada sujeito, depende das interações a que ele está submetido. Esse reconhecimento traz implicações à educação escolar, porque é em seu contexto que ocorre de modo particular, o ensino da leitura e da escrita, instrumentos necessários para que os sujeitos se apropriem dos conteúdos científicos. Portanto, a prática pedagógica intencional na qual se materializa a função mediadora docente é de suma importância para a formação da criança e tem um papel decisivo neste processo.

Em suma, a escrita e a leitura, como partes do conjunto de sistemas simbólicos objetivados pelo homem, quando assimiladas, desencadeiam processos psíquicos superiores enraizados na cultura humana. Logo, quando um sujeito se apropria das operações mentais plasmadas nestes processos que são distintos, mas se complementam, acontece uma tomada de consciência, expressão ideal do psiquismo, que lhe possibilitará novas formas de atuar e transformar a realidade.

Referências

BARROCO, Sonia Mari Shima. Contexto e textos de Vygotski sobre a defectologia: a defesa da humanização da pessoa com deficiência. **In: Educação especial e Teoria Histórico-cultural:** em defesa da humanização do homem. Sonia Maria Shima Barroco, Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Tânia dos Santos Alvarez da Silva (orgs.). – Maringá: Eduem, 2012.

FACCI, Marilda Gonçalves D., LIMA, Eliane da Costa. A profissionalidade do professor de Educação Especial: uma reflexão acerca do trabalho e processo de alienação. **In: Educação especial e Teoria Histórico-cultural:** em defesa da humanização do homem. Sonia Maria Shima Barroco, Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Tânia dos Santos Alvarez da Silva (orgs.). – Maringá: Eduem, 2012.

KOSTIUK, G.S. Alguns aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade. **In: Psicologia e pedagogia:** bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Luria, Leontiev, Vygotsky... [et al.] 2005.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo.** 2.ed. – São Paulo: Centauro, 1978.

LURIA, Alexander R.O Desenvolvimento da Escrita na Criança. **In: VIGOTSKII, L. S.;** LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

MARTINS, Ligia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2015.

_____. Psicologia histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano. **In: Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico:** do nascimento à velhice. Ligia Márcia Martins, Angelo Antonio Abrantes, Marilda Gonçalves Facci (orgs.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PRESTES, Zoia; ESTEVAM, Lucas Gago. Uma Aula de L.S. Vigotski. In: **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da revolução russa**. Paulino José Orso, Julia Malanchen, André Paulo Castanha, (Orgs.) Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2017.

SAVIANI, Demerval. A perspectiva marxiana da subjetividade e da educação. In: **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Newton Duarte (Org.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

TULESKI, Silvana Calvo, EIDT Nadia Mara. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In: **Periodização Histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Ligia Márcia Martins, Angelo Antonio Abrantes, Marilda Gonçalves Facci (orgs.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

VYGOTSKY, L.S. LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento símios, homem primitivo e criança**. – Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas**. Tomo III. Visor: Madri, 1995.

_____. Método de investigación. In: **Obras Escogidas III: historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madri: Visor, 2000c.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.